

Sinodalidade e diálogo: imperativos ecumênicos para o “caminhar juntos” a partir do sínodo 2021-2024

Synodality and dialogue: ecumenical imperatives for “walking together” from the 2021-2024 synod

Raquel de Fátima Colet¹

Resumo

Enquanto dimensão constitutiva da Igreja de Cristo, a sinodalidade recorda às pessoas cristãs a dignidade comum que emana do batismo e a corresponsabilidade no ser e no agir eclesial. Esse aspecto é sobremaneira retomado pelo sínodo em curso (2021-2024) e expresso no amplo processo de escuta e participação do povo de Deus que o acompanham. Consequente e coerente a isso, o percurso sinodal não pode se limitar às fronteiras da Igreja católica, mas indaga a consciência dialógica da fé que envolve outras confissões cristãs, religiões e culturas. Revisitando as referências ecumênicas dispostas até o momento nas etapas do atual sínodo, este trabalho destaca aspectos que interpelam a Igreja de Cristo na vivência da sinodalidade e da ecumenicidade que a constituem. A reflexão considera as convicções dialógicas presentes nos documentos preparatórios e nos eventos mobilizadores da caminhada sinodal atual, em correlação com os apontamentos sinalizados nas escutas locais e continental, particularmente em nível de América Latina e Caribe. Busca-se, assim, intuir horizontes que possam fortalecer o compromisso ecumênico dos cristãos batizados, partindo das possibilidades e desafios que integram a realidade plural em que vivem.

Palavras-chave

Sinodalidade. Diálogo. Ecumenismo. Igreja. Sociedade.

Abstract

As a constitutive dimension of Christ's Church, synodality reminds Christian people of the common dignity that emanates from baptism and co-responsibility in ecclesial being and action. This aspect is greatly taken up by the ongoing synod (2021-2024) and expressed in the broad process of listening to and participation of the people of God who accompany it. Consequent and coherent to this, the synodal journey cannot be limited to the boundaries of the Catholic Church, but questions the dialogical awareness of the faith that involves other Christian confessions, religions and cultures. Revisiting the ecumenical references laid out so far in the stages of the current synod, this work highlights aspects that challenge the Church of Christ in the experience of synodality and ecumenicity that constitute it. The reflection considers the dialogical convictions present in the preparatory documents and in the mobilizing events of the current synodal journey, in correlation with the notes flagged in local and continental listening, particularly at the level of Latin America and the Caribbean. It is sought, therefore, to intuit horizons that can strengthen the ecumenical commitment of baptized Christians, starting from the possibilities and challenges that integrate the plural reality in which they live.

Keywords

Synodality. Dialogue. Ecumenism. Church. Society.

¹ Doutora, mestre e bacharela em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Assessora provincial da Pastoral Escolar da Rede Vicentina de Educação. Filha da Caridade da Província de Curitiba. Contato: rcoletfc@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O caminho sinodal iniciado em 2021 e que perdurará até 2024 tem mobilizado as comunidades católicas do mundo todo em torno de questões nucleares da vivência cristã na atualidade. Cabe considerar que a experiência sinodal não é algo inédito na vida da Igreja, mas uma dimensão que a constitui e acompanha seu itinerário histórico ao longo dos séculos, e que foi, sobremaneira, recolocada e impulsionada a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965).

O que pode ser identificado como originalidade no processo atual, no entanto, é o convite ao aprofundamento e vivência de um efetivo “caminhar juntos”, que pode ser observado na proposta de uma participação ampliada de toda comunidade eclesial nos processos de escuta e discernimento. Como considerado na síntese latino-americana e caribenha, “o povo de Deus está experimentando o chamado para se sentir como sujeitos ativos da Igreja” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 10). Trata-se, assim, de uma experiência que interpela a pertença e a consciência eclesial de todas as pessoas batizadas.

Nesse sentido, o foco não reside somente na realização de um evento a partir das etapas propostas em níveis local (dioceses), continental e universal, as quais estão gerando um conjunto de reflexões e documentos próprios, e que tem potencial expressivo de mobilizar mudanças significativas na vida da Igreja. Essa premissa acompanha o processo sinodal desde o princípio, como reiterada pelo papa Francisco quando no discurso de abertura, em outubro de 2021, afirma que o “o sínodo não é um parlamento” ou uma “investigação sobre as opiniões”, mas “um momento eclesial” que tem o Espírito Santo como protagonista (FRANCISCO, 2021). Assim, o caminho metodológico assumido está orientado para a abertura pessoal e comunitária à ação da divina Ruah.

Sob esse olhar, o caminho sinodal se configura como um grande itinerário de conversão, cujo horizonte situa-se na perspectiva do seguimento de Jesus e no compromisso com o Reino de Deus. Embora aconteça na temporalidade da história e incida sobre suas realidades e estruturas, há uma dimensão que não se mensura e quantifica. O ser e agir da Igreja na perspectiva do *sínodos* não é um resultado a ser alcançado, mas um caminho de configuração e fidelidade a Cristo.

Essas premissas nos direcionam para a questão que queremos aprofundar neste artigo. Se entendemos a sinodalidade como uma dimensão constitutiva da Igreja de Cristo, em fidelidade à nossa consciência eclesial, precisamos nos perguntar sobre o modo como processo sinodal tem contemplado a escuta e o diálogo com as experiências do ser cristão para além das fronteiras confessionais da Igreja católica. Nessa mesma direção, somos interpelados a perceber que ressonâncias as escutas e sínteses nos trazem em torno da compreensão de que a ecumenicidade é igualmente constitutiva do ser eclesial.

Esses questionamentos nos colocam diante de dois horizontes sustentam nossa argumentação: a) em nível *contextual*, se o sínodo quer ser fiel a seu propósito de escuta das múltiplas realidades do mundo atual, a interação com a pluralidade cultural, religiosa e, em

âmbito cristão, confessional, é imprescindível; o pluralismo não é escolha, é fato dado; b) sob o olhar *teológico-pastoral*, está justamente a percepção de qual é - ou quem é - a Igreja em sínodo.

O caminho que escolhemos para tal contempla uma revisita aos documentos, sínteses e reflexões oriundas do processo sinodal 2021-2024 até o momento, com foco especial às questões ecumênicas. Interagem com estes aspectos outras referências que buscam situar o *status quo* do diálogo no âmbito de Igreja e sociedade.

1 O DIÁLOGO ECUMÊNICO NO CAMINHO SINODAL

A vivência da sinodalidade é, de *per se*, uma experiência de diálogo. Em relação ao sínodo em curso, podemos identificar uma singularidade vinculada aos contextos e sujeitos envolvidos na experiência dialógica, mobilizados em torno de uma pergunta fundamental comum. Esta, por sua vez, convida a comunidade eclesial à percepção de como acontece hoje o “caminhar juntos” na e como Igreja, e quais são os passos que, em escuta ao Espírito, ela é chamada a empreender (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021a). Assim, a consulta ao povo de Deus, realizada a partir de todas as igrejas locais (dioceses) – e não unicamente a reflexão em que os bispos e um grupo restrito de peritos se configuram como interlocutores exclusivos – é expressão efetiva do desejo e do empenho pela caminhada conjunta.

No roteiro proposto no documento preparatório, dois entre os dez núcleos temáticos tocam de modo direto na questão do diálogo. No horizonte da relação entre Igreja e sociedade, o documento lança a pergunta sobre o modo como a comunidade eclesial percebe o diálogo eclesial com o meio sociocultural e com as outras tradições religiosas, bem como com as pessoas que se não se reconhecem como crentes (núcleo VI). De outra parte, partindo da perspectiva do batismo comum, indaga-se sobre o *status quo* da caminhada comum com outras confissões cristãs, verificando seus frutos e desafios (núcleo VII).

Considerando essas referências e os desdobramentos da etapa sinodal, recolhemos algumas intuições e olhares ecumênicos lançados até o momento. Para isso, fazemos uma revisita aos documentos oriundos da Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, em diálogo com as sínteses elaboradas, especificamente em âmbito nacional e latino-americano. Essas percepções nos darão base para, posteriormente, indicar alguns horizontes teológicos que podem contribuir no aprofundamento da dimensão ecumênica da vivência sinodal.

1.1 As referências ecumênicas nos primeiros passos do sínodo 2021-2024

O documento preparatório indica que “o diálogo entre cristãos de diferentes confissões, unidos por um único batismo, ocupa um lugar particular no caminho sinodal” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021a). No *vademecum*, o adjetivo utilizado é

“especial”.² Como indicado acima, o núcleo temático VII apresenta um conjunto de questões que motivam as igrejas locais a olhar para suas relações ecumênicas:

Que relacionamento a comunidade da nossa Igreja tem com membros de outras tradições e denominações cristãs? O que compartilhamos e como caminhamos juntos? Que frutos tiramos de caminhar juntos? Quais são as dificuldades? Como podemos dar o próximo passo para caminhar juntos? (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021b).

De igual modo, convidam os participantes do percurso sinodal a assumirem o diálogo ecumênico e inter-religioso como uma disposição que permite sonhar e caminhar juntos como família humana.

O *vademecum* também indica a pertinência das escutas diocesanas envolverem pessoas e organismos ligados ao movimento ecumênico e grupos inter-religiosos. A integração de sujeitos que interagem com a vida eclesial a partir de um lugar diferenciado tem muito a contribuir com o propósito do sínodo. Além disso, como citado no documento em questão, essa escuta ativa permite superar a tentação de “não olhar para além dos limites visíveis da Igreja”. Enquanto momento oportuno de diálogo com pessoas dos diferentes espaços da sociedade e da cultura, o processo sinodal é também “uma oportunidade para aprofundar a jornada ecumênica com outras denominações cristãs e aprofundar nossa compreensão com outras tradições de fé” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2021b). Assim, proximidade e conhecimento mútuo são experiências cujos frutos contribuem para suscitar e/ou consolidar a cooperação entre igrejas e outros credos.

Outro elemento a ser ressaltado é a força de alguns gestos que tem acompanhado o sínodo. Em âmbito ecumênico, pode-se destacar a convocação de uma vigília ecumênica às vésperas da realização da primeira etapa universal, em outubro de 2023. Animada pela comunidade ecumênica de Taizé, cujo testemunho de diálogo atravessa décadas, a vigília evidencia a referencialidade da dimensão espiritual na vivência sinodal. A memória orante da unidade que, embora imperfeita, se tece na consciência do batismo comum, dilata os corações para uma generosa escuta do Espírito e sustenta o caminhar juntos.

1.2 Ecos das escutas do povo de Deus

O resultado das escutas realizadas nas etapas de escuta local e continental permitem mensurar em que medida as convicções ecumênicas ressoam no cotidiano das comunidades cristãs. Embora o processo de síntese implique a exigente tarefa de condensar em poucas páginas um amplo processo de reflexão, nele podemos vislumbrar duas perspectivas que se complementam: as possibilidades e os desafios do *status quo* da caminhada ecumênica.

As escutas às igrejas locais destacaram as experiências consolidadas e em construção nos caminhos do diálogo ecumênico e inter-religioso. Sublinhou-se a força de um ecumenismo

² Traduções oficiais para o português oferecidas pela Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos.

do cotidiano, tecido por pessoas e grupos, nem sempre ligados a igrejas ou instituições, e que protagoniza ações transformadoras, especialmente no âmbito social. Enfatizou-se o testemunho desse diálogo prático e solidário na época da pandemia. Em linhas gerais, as comunidades brasileiras demonstram conhecimento das principais iniciativas ecumênicas que contam com a participação da Igreja católica, de modo especial a Semana de Oração pela Unidade Cristã e as Campanhas da Fraternidade Ecumênicas.

No entanto, as sínteses se debruçam sobremaneira sobre os passos que ainda precisam ser dados. Enquanto os subsídios preparatórios inferem uma particularidade para a dimensão ecumênica no caminho sinodal, o processo de escutas põe em evidência a fragilidade e os desafios desse lugar.

Uma primeira consideração para a análise das sínteses é apreciá-las a partir de um contexto maior. Embora o ponto de referência das relações dialógicas seja uma premissa teológica, a vivência efetiva desse diálogo é profundamente marcado pelas questões contextuais. O relatório nacional redigido a partir das respostas das dioceses ao documento continental evidencia isso quando afirma que

o contexto cultural e religioso carrega tensionamentos, evidenciando os conflitos presentes em torno do pluralismo cultural e religioso. Observa-se o crescimento de grupos cristãos marcados por uma experiência religiosa individualista e consumista. Esse aspecto evidencia o desafio de um urgente e salutar diálogo ecumênico e inter-religioso, que integre e reconcilie as diferenças entre credos e culturas (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023).

Nas escutas às dioceses, esse aspecto se sobressai não somente no que diz respeito à relação com pessoas e grupos de outras igrejas e tradições religiosas, mas no interior do próprio catolicismo. As tensões e divergências entre crentes estão diretamente ligadas a posicionamentos sociopolíticos e de natureza ideológica, de modo que muitas posturas resistentes ao diálogo ecumênico e inter-religioso se enraízam nas ambiguidades desse discurso no espaço público.

Isso permite intuir que o desafio do diálogo entre crentes está diretamente vinculado ao âmbito das relações entre Igreja e sociedade. O mesmo relatório acima citado aponta esse contexto de ideologização da fé, que se expressa em posturas assumidas por cristãos e grupos católicos que se colocam em divergência da Doutrina Social da Igreja e se configuram como uma “ameaça à sinodalidade e à unidade” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023).

Em contrapartida, a propagação e aderência a esses discursos evidenciam outro elemento que se sobressai nas escutas locais, que é a fragilidade da formação e das ações ecumênicas das comunidades.

É tarefa da Igreja dialogar com a sociedade, com as outras igrejas cristãs e com as outras religiões. É necessária, portanto, uma formação para o diálogo

e a integração, que coloque em evidência os objetivos comuns em favor de um mundo melhor, mais justo e fraterno (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023).

No interior da Igreja católica verifica-se que, muitas vezes, a atuação das comissões e estruturas voltadas à promoção do diálogo acontece de modo limitado, sem muita força de mobilização na ação evangelizadora, ou até mesmo obscurecida por um modelo eclesial para o qual as prioridades residem em outros elementos da vida cristã. A esse aspecto se pode associar outras reflexões candentes que emergiram do processo, que diz respeito, por exemplo, ao cenário de autoridade e participação na Igreja, com destaque à questão do clericalismo.

As escutas locais apresentam um retrato sincero da fragilidade e mesmo da inexistência de iniciativas junto a outras igrejas e religiões. Verifica-se que elas “são ainda muito tímidas e pontuais e precisam avançar, em todos os níveis eclesiais (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2023). Muitas vezes são ações ligadas a eventos públicos que evidenciam mais uma convivência diplomática ocasional do que o reconhecimento da fraternidade comum ou a relevância da cooperação. Fazendo eco das palavras do papa Francisco ao afirmar a importância da verdade nessas relações, trata-se de “bons modos que escondem a realidade” (FT 226), e, por isso, impedem que se avance na superação dos conflitos e tensões.

2 HORIZONTES PARA O DIÁLOGO

A consideração de que o sínodo não quer ser um ponto de chegada, mas impulso para um caminhar juntos permanente permite olhar para as etapas percorridas sob o signo da esperança. A coragem das comunidades de falarem sobre suas contradições e desafios, e tocarem em pontos nevrálgicos da caminhada, demonstram abertura à ação da graça e um caminho de maturidade crescente dos sujeitos eclesiais. Assim, o momento atual reporta às experiências anteriores que o precederam e prepararam segundo o desígnio providente de Deus, conforme expresso na síntese da América Latina e Caribe: “nos últimos tempos, acolhemos o poder do Espírito Santo que sempre rejuvenesce seu rosto através de significativos processos sinodais (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 9).

De modo especial, a caminhada sinodal nos reporta às intuições e movimentos desencadeados pelo Concílio Vaticano II em seu propósito de *aggiornamento*, cuja herança preciosa nos insere em “uma contínua conversão, individual e comunitária” e que, no plano institucional e pastoral, converge para o compromisso com uma “contínua reforma da Igreja, das suas estruturas e do seu estilo” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2022).

Nessa dinâmica de retomadas e continuidades do legado conciliar em relação também se coloca o empenho ecumênico, de maneira que um sínodo que se debruce sobre a identidade sinodal da Igreja é ocasião propícia para revisitar os princípios que a definem igualmente como

Igreja em diálogo. Essa consideração é evidenciada na síntese latino-americana e caribenha quando afirma que

a sinodalidade encoraja o compromisso ecumênico de todos os cristãos porque é um convite a caminhar juntos em direção à unidade plena em Cristo. Sem minimizar as diferenças, a sinodalidade nos abre para reconhecer as diversidades legítimas em uma troca mútua de dons e guia nossos passos em direção a uma “harmonia reconciliada”. Ao mesmo tempo, uma Igreja sinodal deseja promover ainda mais o diálogo inter-religioso e a fraternidade universal em todos os continentes (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 17).

Considerando as disposições e os pontos de atenção sobre os quais o processo de escuta se debruçou, propomos alguns horizontes teológico-pastorais que podem lançar luzes sobre a continuidade e amadurecimento do itinerário sinodal no quis respeito ao diálogo. Para isso, nos orientamos pela tríplice motivação que acompanha o sínodo 2021-2024: *comunhão, participação e missão*.

No horizonte da *comunhão* situamos a referencialidade da teologia batismal enquanto convite para um mergulho na identidade comum de todos aqueles e aquelas que se reconhecem discípulos e discipulas de Jesus Cristo. Nesse sentido, as particularidades eclesiológicas não se sobrepõem à dignidade comum compartilhada por todos os batizados, mas se apresentam como oportunidade de aprofundar e qualificar o próprio discipulado, pessoal e comunitariamente. “O dom da fé e o sacramento do batismo nos tornam seguidores de Jesus e nos conferem a todos a condição de membros do único povo de Deus” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 15), não obstante tenhamos pertencas confessionais diferentes.

Se o batismo marca o início de nosso itinerário de seguimento de Cristo e nos coloca em *koinonia* com nossos irmãos e irmãs, conseqüentemente a graça batismal nos move a assumir o processo de configuração paulatina a Cristo e ao projeto do Reino, a que damos o nome de conversão. Nas relações de diálogo, converter-se implica uma atitude de proximidade e escuta gratuita do outro e de tudo aquilo que está em referência a ele, não com o intuito de nivelar as diferenças ou de relativizar os princípios e visões – já acenamos anteriormente para a ambigüidade das relações diplomáticas – mas de afirmar a legitimidade da existência da alteridade sob a perspectiva da reconciliação. Na experiência cristã, trata-se de um itinerário espiritual pessoal e comunitário.

Esse apelo é bastante sensível às comunidades da América Latina e Caribe: “aqui estamos diante de um desafio permanente, que é como promover a diversidade sinodal sem transformá-la em divisões, e como construir a unidade sem transformá-la em homogeneidade” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 16). Tecer comunhão é superar a tentação de cercear a ação do Espírito, cujo sopro não se orienta pela geografia das fronteiras estabelecidas por nós. Comunhão e conversão são dinamismos que asseguram ao coração eclesial pulsar no compasso do Evangelho.

Em relação à *participação* acenamos para a estreita relação entre Igreja e reforma, imperativo este que se sustenta por um autêntico caminho de conversão, como sinalizado no item anterior, e que envolve a comunidade eclesial a partir de dentro, que revisita seu passado, que assume seu presente à luz do futuro de Deus: “somos chamados a uma profunda reforma da Igreja, aquela que surge da ação de Deus nas profundezas da história” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 13). Como infere o pensamento conciliar, o horizonte de uma *Ecclesia semper reformanda* não consiste na mudança pela mudança, como uma tentativa de subsistência moral e institucional, mas envolve uma renovação que “consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação”, no que reside a “razão do movimento para a unidade” (UR 6).

O caminho sinodal tem sido em si mesmo um testemunho fecundo de participação, seja pelo dinamismo e amplo envolvimento no processo de escutas, como pelo exercício compartilhado de identificar as dimensões e aspectos que, para uma maior fidelidade e coerência com a própria fé, precisam ser revisitados, renovados, reformados. Na ótica do diálogo, esse movimento é sinal de sentido de pertença, de amor à Igreja e de reconhecimento que as estruturas e serviços da Igreja estão a serviço de sua missão, que é viva e dinâmica.

Acerca da *missão*, esse talvez seja o horizonte de encontro mais imediato para o diálogo e a cooperação entre credos e culturas. Ao mesmo tempo, ela fortalece a consciência de comunhão e alimenta a experiência da participação. Nesse sentido, é oportuno recuperar a compreensão de missionária presente na síntese da etapa continental da América Latina e do Caribe:

A missão, em termos sinodais, não é proselitismo, o que leva a uma Igreja autorreferencial, eclipsando o Reino de Deus, do qual é o sacramento. A missão consiste no anúncio alegre e gratuito de Jesus Cristo e de seu mistério pascal a toda a humanidade, numa relação intercultural, pois está inserida num mundo plural e diverso. A sinodalidade leva à missionariedade aberta, à participação e ao intercâmbio sem fronteiras (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 24).

Diante dos grandes sofrimentos da humanidade, especialmente aqueles presentes na vida dos mais empobrecidos, as pessoas que creem se veem diante do espelho que refletem de forma autêntica seus princípios e valores religiosos, e de como estes são capazes de serem respostas de cuidado e compaixão pelas pessoas e pelo planeta. A tradição latino-americana traz em seu bojo esse compromisso com uma fé encarnada no chão da vida do povo, e que tem suscitado um profícuo testemunho de diálogo. As diversas organizações e grupos que assumem o chamado ecumenismo de serviço traduzem e articulam o dinamismo missionário e diaconal no continente. Esta contribuição pode ser visualizada na síntese da fase continental:

O serviço socioambiental ao qual a Igreja é chamada a servir à luz do Evangelho e da Doutrina Social da Igreja é fortalecido em um diálogo ecumênico e inter-religioso que leva à ação comum. Em muitos países da

Caminhos de Diálogo, Curitiba, ano 11, n. 18, p. 92-102, jan./jun. 2023
ISSN 2595-8208 99

América Latina e Caribe existem conselhos inter-religiosos nos quais participam ativamente representantes de várias igrejas cristãs e de várias religiões presentes em nossa região. Com base em um compromisso compartilhado com a promoção dos direitos humanos, da justiça, da paz e do cuidado com nossa casa comum, realizam atividades em conjunto em favor da sociedade (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 29).

Por fim, não se pode falar de missão sinodal na atualidade sem considerar o âmbito ecológico, tal como preconizado no conceito de ecologia integral, apresentado pelo papa Francisco, na encíclica social *Laudato si'* (2015). Esse enfoque se torna ainda mais eloquente nas escutas nacional e continental em razão da participação das igrejas da Amazônia, para as quais foi igualmente dedicado um sínodo especial em anos recentes. O cuidado da casa comum tem sido uma força mobilizadora de encontros e diálogos entre sujeitos e contextos plurais, no que as tradições religiosas possuem uma contribuição singular.

Do ponto de vista objetivo, minorar os efeitos da crise ambiental já não é mais uma escolha, é uma urgência. O panorama que as ciências nos trazem sobre essa questão é pouco animador. Por sua vez, uma cultura do cuidado implica um movimento existencial que afeta diretamente as cosmovisões e estilos de vida. Nessa tessitura a partir de dentro, o cristianismo e as tradições religiões têm contribuição insubstituível, pois oferecem uma narrativa singular à integração entre humanidade, sociedade e natureza. Isso também permite aos credos recuperar e aprofundar seus vínculos espirituais e éticos com a Casa Comum, como relembra Francisco: “é bom, para a humanidade e para o mundo, que nós, crentes, conheçamos melhor os compromissos ecológicos que brotam das nossas convicções” (LS 64).

É possível pensar que muitos dos muros que, ao longo dos anos, foram construídos sob o pretexto de preservar identidades e demarcar espaços, possam ser arrastados pela avalanche da urgência climática e de seus impactos na geografia humana e social. O que está em jogo é própria manutenção da vida na Terra, diante do que as discussões épicas por particularidades teológicas e institucionais deixam de estar em primeiro plano. A pandemia recente foi uma amostra do quanto estamos interligados e somos interdependentes, e do potencial que temos quando somamos forças em prol de causas comuns – como também do trágico resultado de ficarmos agarrados em nossas autorreferencialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão de imperativos sinalizada no título deste trabalho quer indicar mais do que pontos de análise, mas, sobretudo, compromissos efetivos da comunidade cristã na vivência da sinodalidade e ecumenicidade da fé. O caminho sinodal em curso é uma ocasião propícia para tal, pois coloca essas questões em um círculo ampliado de oração e reflexão, favorecendo aos sujeitos eclesiais amadurecer e fortalecer as experiências de diálogo entre si, com a comunidade cristã, com as tradições religiosas, culturas e sociedade.

A vivência sinodal é ocasião de acolhida, reconhecimento e celebração dos muitos dons da Igreja de Cristo presentes na vida do mundo, e envolvimento em um itinerário compartilhado de conversão que “começa no palco de nossa própria vida cotidiana” (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2023, p. 14). Como indicado no documento para a etapa continental:

A escuta e o diálogo são o caminho para aceder aos dons que o Espírito nos oferece através da multiforme variedade da única Igreja: carismas, vocações, talentos, capacidades, línguas e culturas, tradições espirituais e teológicas, formas diversas de celebrar e de agradecer. As sínteses não apelam à uniformidade, mas pedem que se aprenda a crescer numa sincera harmonia, que ajude os crentes a desempenhar a sua missão no mundo criando os laços necessários para caminhar juntos com alegria (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2022, p. 46).

Ser sinodal e dialógica é inerente à Igreja, porém “assume uma importância significativa diante dos desafios que as mudanças na sociedade representam para sua vida de comunhão e missão” (SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2022, p. 12). Por isso, o compromisso ecumênico se apresenta como tarefa urgente e inadiável, não somente pela verificação de que habitamos uma realidade irreversivelmente plural, mas para que nossa presença em meio a essa pluralidade seja evangelicamente fecunda.

REFERÊNCIAS

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo. **Santa Sé**, 21 nov. 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html. Acesso em: 3 maio 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Síntese do Brasil para a etapa continental do sínodo 2021-2024. **Conferência Nacional dos Bispos do Brasil**, 5 mar. 2023. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2023/03/Sintese-do-Brasil-para-a-Etapa-Continental-Cone-Sul.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Resumo da fase continental do sínodo na América Latina e Caribe**. Bogotá, 2023. Disponível em: <https://celam.org/wp-content/uploads/2023/04/Sintesis-Fase-Continental-Sinodo-en-ALC.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2023.

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal**: comunhão, participação e missão. Documento de trabalho para a etapa continental. Vaticano, 2022. Disponível em: <https://www.synod.va/content/dam/synod/common/phases/continental-stage/dcs/Documento-Tappa-Continentale-POR.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Inter-religioso

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal:** comunhão, participação e missão. Documento preparatório. Vaticano, 2021a. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/preparatory-document/pdf-21x21/pt_prepa_book.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DOS BISPOS. **Por uma Igreja sinodal:** comunhão, participação e missão. Vademecum para o sínodo sobre a sinodalidade. Vaticano, 2021b. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/common/vademecum/pt_vade.pdf. Acesso em: 17 abr. 2023.

Recebido em: 30/04/2023.

Aceito em: 09/06/2023.